

CONIMBRIGA

VOLUME LVI • 2017



RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. IV – Caurium*. Servicio de Publicaciones da Universidad de Extremadura, Cáceres, 2016, 332 páginas, ilustradas. ISBN: 978-84-7723-989-5.

https://doi.org/10.14195/1647-8657_56_8

No prosseguimento do seu incansável labor em descobrir, estudar e dar a conhecer as inscrições romanas da área de Cáceres – que, nesse domínio, continua a revelar-se riquíssimo viveiro de testemunhos, boa parte deles reaproveitados em construções – acaba Julio Esteban Ortega de nos presentear com mais este volume do seu *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres*, o IV, expressamente dedicado ao território de *Caurium*.

Recorde-se que o primeiro volume da série saiu em 2007 e foi dedicado a *Norba*; o 2º, em 2012, tratou de *Turgalium*; e o 3º, de 2013, de *Capera*. Para além disso, Julio Esteban percorre amiúde a região e vai tendo informação de muitas inscrições inéditas, que, no *Ficheiro Epigráfico*, nos apressamos a dar a conhecer.

O volume ora editado segue o esquema dos anteriores, mantendo, inclusive, a continuidade da numeração. Assim, a primeira inscrição tem aqui o nº 1155 e coube à última o nº 1338.

Merece realce o cuidado posto na identificação do local de achamento, na minuciosa descrição do monumento e na leitura devidamente justificada, e, de modo especial, o facto de, em cada ficha, estar a fotografia da epígrafe em ponto pequeno, fotografia (de muito boa qualidade) que se repete no final, em maiores dimensões, a permitir, portanto, adequado confronto da interpretação feita com o que está na epígrafe.

Os monumentos são apresentados por ordem alfabética dos topónimos, sendo, por conseguinte, a forma mais expedita de consulta de mais este importante *corpus* os seus circunstanciados índices epigráficos: *nomina*, *cognomina*, religión, emperadores y familia imperial, ejército, estructuras indígenas, tribus (apenas a Quirina, com três testemunhos, um dos quais interrogado), toponímia y etnonímia, varia, inscripciones cristianas y visigodas, tipologia, lugares de procedência, correspondências com outros *corpora*. Antes do notável conjunto de estampas a que já me referi e que ocupa as páginas 215 a 231 (habitualmente, uma epígrafe por página), regista-se a bibliografia, assim

como as abreviaturas bibliográficas usadas, nomeadamente as das publicações periódicas.

Bastará olhar para o álbum fotográfico para, de imediato, nos darmos conta de quão ingrato foi para o autor o estudo a que lançou mãos, dado o mau estado de conservação de grande parte dos documentos, de granito: os números 1250 e 1251 podem ser disso um exemplo extremo.

A abundância de epígrafes mostra claramente como o hábito epigráfico cedo se instalou entre a população do termo de *Caurium*, inclusive porque o monumento mais frequente é a estela de topo arredondado, que poderemos considerar de tradição indígena (enquanto as aras denunciavam uma imitação do hábito romano), e porque, por outro lado, a onomástica nelas patente é predominantemente indígena, a denunciar datações situáveis quase todas no século I d. C. Aliás, se exceptuarmos a decoração da ara 1227, de campo epigráfico limitado por moldura em folha de acanto, os motivos decorativos que mais ocorrem são os crescentes de pontas para cima (vazados ou em baixo-relevo) e as rosáceas. Neste âmbito, destaca-se a estela de *Cuntirus Anceiti* f. (nº 1197a) quer pelos elementos geométricos que enquadram a rosácea sexipétala do frontão quer por, no campo epigráfico, o epitáfio vir precedido pela representação – que hoje ligaria à ideologia maçónica – de um nível com prumo, ladeado de dois crescentes. Note-se, já agora, nesse texto o cuidado posto pelo lapicida na grafia de *Anceiti*: o E está escrito com dois II mas o terceiro I apresenta-se mais longo, a fim de melhor se compreender o seu significado; um pormenor a fixar!

No âmbito da decoração, registre-se a intenção de rudemente se procurar retratar o(s) defunto(s): o conhecido *Aucalus*, de que só se esculpiu o rosto (a lembrar outras representações de teor indígena), ladeado por duas enormes mãos (nº 1181); *Camira* e *Paugendia*, de que temos os bustos em relevo como que suportados cada um por um crescente (nº 1194); em Villamiel, no entanto, desapareceu do encaixe inferior a placa que conteria a epígrafe identificativa do casal esquematicamente representado acima (nº 1329).

O nº 1242, de que apenas nos restam as duas linhas finais do epitáfio, tem na cartela sob o campo epigráfico, a representação, em baixo-relevo, de um martelo (*malleus*) e de uma tenaz (*forceps*) própria do ofício de ferreiro (*ferrarius*): o martelo servia para bater sobre a bigorna (*incus*) no objecto ao rubro, saído da forja, e que o ferreiro segurava, na outra mão, com a tenaz. Podemos ver, no *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, representação semelhante numa moeda de Populonia (p. 1085, fig. 2953), referente aos moedeiros, e a fig. 2959 (p. 1092) mostra mesmo como se procedia ao trabalho na forja, reprodução de pintura de um vaso grego. Creio ser o único testemunho gráfico desta actividade nas fontes epigráficas peninsulares, a julgar pelo repertório compilado, ainda que há uns 30 anos, por Helena Gimeno Pascual (*Artisanos y Técnicos en la Epigrafía de Hispania*, Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 1988); no entanto, há notícia (HEPOL 1167) de um *Titus Rufonius Brocchinus, incola Romulensis*, que é designado *negotians ferra-*

rius. Ainda que muito simples e mutilada, a estela nº 1242 reveste-se, pois, de grande importância documental.

A epígrafe nº 1253, achada em 1836 num muro junto ao castelo de Cória, confesso que me oferece dúvidas quanto à sua autenticidade, embora, até ao momento, segundo julgo saber, se tenha aceitado, sem reservas, que essa «posible estela» – que apenas tem uma linha inscrita, com C C – possa ter sido a pedra tumular de um soldado, pois que aí estão gravados o cinturão (*cingulum*), o punhal (*pugio*), a espada (*gladium*), e a lança (*telum*). O desenho que vem em HEpOL 18 995 não corresponde exactamente ao que ora se vê na fotografia do livro, na medida em que a espada está, no desenho, de punho para baixo e quase paralela à lança, o que na fotografia se não vislumbra nada nítido. A representação do *pugio* assemelha-se ao que vem ilustrado na fig. 5872 do atrás citado *Dictionnaire* (p. 765, s. v. «pugio»). Acontece que aí, na fig. 5874, se apresenta um punhal ligado ao cinturão, o que poderia, de certo modo, justificar a classificação de ‘cinturão’ ao que se observa do lado esquerdo do conjunto, com muitas semelhanças, de resto, ao que vemos na fig. 1497 (p. 1180, s. v. «cingulum») do referido *Dictionnaire*, inclusive com a representação estilizada das placas ou botões de metal que o guarnecia. Há, depois, a lança, bem comprida, a que também se dá o nome de *sagitta*; e é justamente a forma bem triangular, avantajada e muito estilizada da sua ponta que me sugere poder tratar-se o conjunto de uma representação recente, uma vez que se me afigura estranho (posso estar errado, claro!) que todas estas armas estejam assim reunidas, para mais sob duas enigmáticas siglas, que até poderiam querer dizer... «castelo de Cória»!...

Anote-se que não figura neste *corpus* nenhuma inscrição oficial (salvo o miliário de Constâncio II – nº 1159) nem qualquer inscrição honorífica. O nº 1267 é uma inscrição rupestre, que foi interpretada como indicação de *terminus*, mas o próprio Julio Esteban confessa que tal «restitución resulta cuando menos aventurada» (p. 119) – e eu concordo inteiramente com ele.

No âmbito da *origo*, acentua-se a naturalidade cauriense de uma dezena de indivíduos, há dois *Arcobrigenses* e uma placa marmórea (nº 1206), achada em Cória, dá conta de uma família olisiponense: são os pais, *C. Iulius Quintio* e *Iulia*, que mandaram fazer o epitáfio da filha, Júlia Avita olisiponense, de dez anos de idade.

Quanto a inscrições votivas, são referidos 11 testemunhos do culto a Júpiter, 2 a *Liber Pater*, 1 a Marte e outro a *Salus*. Das divindades indígenas, para além de algumas até agora pouco conhecidas (exemplo: *Moricilus* – nº 1161, ou *Palanticus* – nº 1274), documentam-se: *Arentius* (inclusive considerado na sua feição masculina e feminina), *Salama*, *Toga* (dois ex-votos), *Trebaronis* (mais uma variante, por conseguinte, do teónimo *Trebaruna*), *Vortiaecius* (nas variantes *Vordeaecus* e *Vortiacius*). Interessou-me, de modo particular, a dedicatória presente numa ara de granito de Montehermoso (nº 1263), cuja leitura, aperfeiçoada por Búa Carballo na sua tese de doutoramento ainda inédita, é aqui seguida, de modo que estaríamos em presença da dedicatória feita pela

caparense Turácia, filha de Cenão, *Deabus Debus Nobranensibus*. Não custa crer que se homenageiam as deusas e os deuses protectores de *Norba* e registre-se, mais uma vez (estou a recordar a epígrafe de Viseu – HEpOL registo nº 26 087, onde se lê *Deibo* e *Deiba*), quanto a oralidade influencia a escrita, quando se trata de palavras a que os indígenas ainda não se haviam acostumado a ver escritas.

Sirvam, pois, estas notas para mostrar quantas reflexões pode suscitar um *corpus* epigráfico como este, ainda que as epígrafes nele insertas – aliás, amiúde, por expressa vontade do autor, que as quis publicar antes – não sejam inéditas; mas ficam todas as do termo de *Caurium* reunidas num só volume, facilmente consultável, como se disse, pelos cuidadosos e pormenorizados índices que apresenta, e, para mais, com uma qualidade gráfica nem sempre tão apreciável.

José d'Encarnação